

XIII Reunião de Antropologia do Mercosul

22 a 25 de Julho de 2019, Porto Alegre (RS)

GT 20 - ANTROPOLOGIA MARÍTIMO-COSTEIRA: ENFOQUES TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM CONTEXTOS SUL-AMERICANOS

Negociando com os homens e entregando a Deus: notas sobre as mulheres pescadoras de Quissamã/RJ

Luceni Hellebrandt

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Negociando com os homens e entregando a Deus: notas sobre as mulheres pescadoras de Quissamã/RJ

Luceni Hellebrandt - UENF

luceni.hellebrandt@gmail.com

Resumo

Este texto aborda aspectos do cotidiano de mulheres pescadoras de Quissamã, no Norte fluminense, a partir de entrevistas com 10 mulheres envolvidas com a atividade pesqueira artesanal do município. As entrevistas foram realizadas no âmbito do projeto “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas” e apontam elementos que caracterizam a atividade de pequena escala deste município, pela ótica das mulheres que dela participam. Negociações com fazendeiros para o acesso aos ambientes de pesca e enfrentamentos de violências simbólicas provocadas por pescadores homens se cruzam com a fé em Deus para sobreviver aos ventos fortes e a insegurança alimentar. As notas aqui apresentadas refletem também sobre os impactos no território pesqueiro, advindos de diferentes interesses econômicos de exploração da região e a consequente escassez de pescado.

Palavras-chave: gênero e pesca; mulheres na atividade pesqueira artesanal; pesca artesanal de Quissamã

Introdução

Este texto aborda aspectos do cotidiano de mulheres pescadoras de Quissamã, no Norte Fluminense, como contribuição aos estudos sobre gênero e pesca. Estes aspectos serão apresentados a partir de reflexões sobre observações do campo de pesquisa, dialogando com dados quantitativos e literatura sobre a região de estudo. Esta conversa entre campo, dados prévios e bibliografia desenha um caminho explicativo do cotidiano de mulheres que tem como modo de vida a pesca artesanal, mais do que isso, propondo indicativos da permanência delas nesta atividade.

A caracterização da pesca artesanal no município de Quissamã, RJ, é um bom ponto de partida para este desenho. Contudo, a caracterização que proponho aqui vai além da descrição das artes de pesca e espécies capturadas. A proposta é de caracterizar da atividade pesqueira em Quissamã a partir de algumas relações, como os conflitos socioambientais advindos de diferentes atividades econômicas e as relações de gênero

no universo pesqueiro. Para isso, a primeira parte do texto traz breves linhas sobre o projeto “Mulheres na pesca”, que possibilitou estas reflexões, seguida da descrição dos conflitos socioambientais identificados em Quissamã pelo projeto.

A próxima parte do texto apresenta as interlocutoras da pesquisa, e a parte final do texto traz dois caminhos explicativos para a permanência destas mulheres na pesca: por um lado, aborda as negociações que permeiam as relações de gênero no universo pesqueiro de Quissamã, por outro, alguns apontamentos sobre a fé e a relação com Deus para sobreviver em meio a condições adversas.

1. Caracterização da pesca artesanal de Quissamã a partir do projeto “Mulheres na pesca”

O projeto de pesquisa “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas”¹ é desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGPS/UENF) e abrange sete municípios da região: Arraial do Cabo, Cabo Frio, Macaé, Campos dos Goytacazes, São João da Barra, São Francisco de Itabapoana e Quissamã.

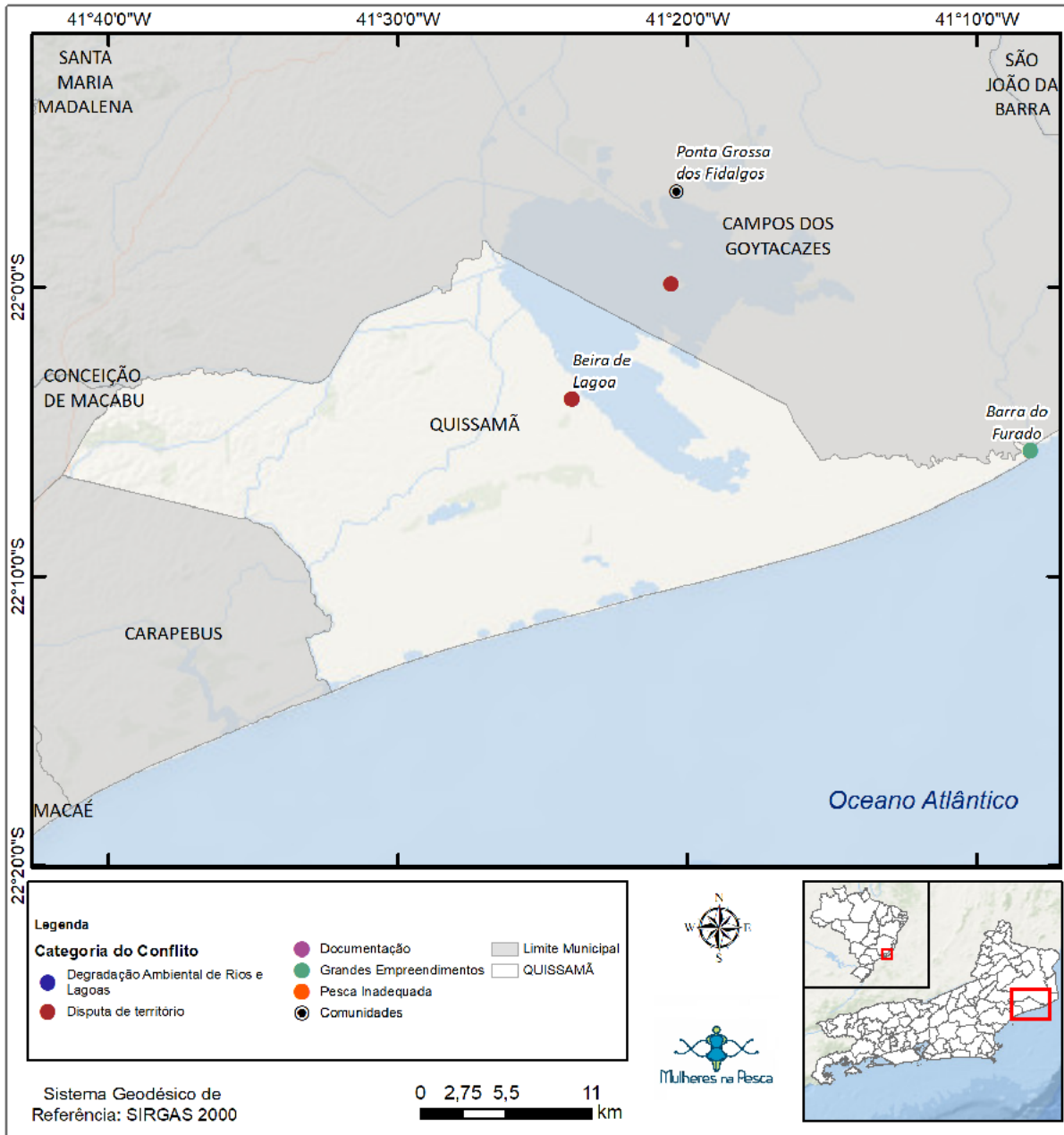
A pesquisa foi iniciada em abril de 2017, com recursos financeiros oriundos de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre a empresa Chevron Brasil e o Ministério Público Federal, Agência Nacional de Petróleo e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, com gestão financeira do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO, 2017). O TAC, por sua vez, remonta aos vazamentos de petróleo no Campo de Frade, Bacia de Campos/RJ, ocorridos em novembro de 2011 e março de 2012. A Chevron Brasil foi uma das empresas responsáveis pelo derramamento, impactando o ambiente e, conseqüentemente, as populações que dele dependem para sobrevivência. Como observa Herculano (2012), as populações cujo modo de vida é atrelado à atividade pesqueira artesanal são as mais vulneráveis aos impactos produzidos pela indústria de petróleo e gás natural.

Dado o contexto de pesquisa do projeto “Mulheres na pesca”, as investigações em Quissamã buscaram identificar como os conflitos socioambientais afetam as atividades pesqueiras neste município, observando estes conflitos através de lentes de gênero.

¹ “A realização do projeto Mulheres na Pesca é uma medida compensatória pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa Chevron, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF / RJ, com implementação do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio”.

Identificamos dois principais conflitos, nas comunidades de Barra do Furado e Beira de Lagoa (Figura 1).

Figura 1 - Localização das comunidades pesqueiras Barra do Furado e Beira de Lagoa, em Quissamã, RJ.



Fonte: Projeto “Mulheres na pesca”

1.1. A atividade pesqueira artesanal em Barra do Furado

A comunidade de Barra do Furado dista 38km do centro de Quissamã, à beira do Oceano Atlântico, as pescarias acontecem tanto em ambiente marítimo, como em águas

interiores de rio e manguezais. Em estudo realizado em 2015, foram identificados 238 moradores da comunidade envolvidos na atividade pesqueira (PESCARTE, 2016).

No trabalho de campo realizado pelo projeto “Mulheres na pesca” identificamos que a participação de mulheres na captura se dá somente nas águas interiores, mas elas atuam no processamento de pescados, tanto de água salgada, quanto de água doce. São diversas espécies citadas nas entrevistas: Camarão sete barbas (mar); Pescadinha; Robalo; Camarão pitu; Xerelet; Salema; Tainha – tainha paraty; Anchova; Sarda; Cação; Peroá; Pargo; Peixe batata; Olho de cão; Tilápia; Traíra; Corvina, Acará; Linguado; Carateba; Bagre-Urutur; Lagosta; Manjuba (tinha e não se encontra mais). As artes de pesca relatadas pelas interlocutoras também são diversas: Tarrafa (desembarcada e dentro da canoa); Linha; Gaiola; Arrasto; Puçá; Cata de caranguejo com a mão; e Pesca de buraco.

Durante as entrevistas, o fato da Manjuba “não se encontrar mais” e o relato da pesca de buraco despertaram minha atenção, pois guardam relação com o que identificamos, no projeto “Mulheres na pesca”, como um conflito ao qual nomeamos de “Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado”²:

Este conflito está atrelado aos ciclos de desenvolvimento econômico da região, inicialmente motivado pela indústria sucroalcooleira e, a partir da década de 1980, com o descobrimento de petróleo na Bacia de Campos (CRIBB; CRIBB, 2008). Ambas atividades econômicas motivaram diversas alterações nos ambientes aquáticos dos quais a população pesqueira depende. À época auge das fazendas de cana de açúcar, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) - atualmente extinto - realizou várias obras de mudança de curso de corpos hídricos, incluindo a instalação de comportas para o controle das trocas de água doce e água salgada, favorecendo, sobretudo, os donos das fazendas em detrimento da atividade pesqueira (VALPASSOS, 2003; CARNEIRO, 2004; SOFFIATI, 2005). Já em função da Indústria de Petróleo, iniciou-se o projeto de construção de um estaleiro naval em Barra do Furado. Denominado de Complexo Logístico Naval Farol-Barra do Furado, as obras iniciaram em 2010, prometendo gerar em torno de 15 mil empregos para a região, o que não aconteceu (RODRIGUES; LEMOS, 2011). Ao invés dos empregos, a população de Barra do Furado teve como saldo da movimentação constante de caminhões e das etapas de perfuração

² O projeto “Mulheres na pesca” propõe um mapeamento de conflitos socioambientais e, para cada conflito identificado, é gerado uma ficha de caracterização. A ficha do conflito “Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado”, bem como as fichas dos outros conflitos, pode ser conferida na íntegra na página do projeto: <<http://mulheresnapesca.uenf.br>>

da obra, rachaduras nas casas, que nunca foram indenizadas pelas empresas responsáveis (HELLEBRANDT, 2019).

Assim, a pesca artesanal em Barra do Furado pode ser caracterizada a partir da relação conflituosa com as indústrias sucroalcooleira e do petróleo, atividades econômicas privilegiadas pelo poder público local, que levaram à alteração do território pesqueiro da comunidade. Algumas consequências destas alterações:

- Diminuição da pesca em geral, dificultando o acesso à antigos pesqueiros e assoreando canais;
- Os empreendimentos que se instalaram (frigorífico, cais, estaleiro) modificaram a paisagem ao fazerem dragagens sem planejamento, arrancando a vegetação e aterrando pesqueiros;
- Fim da “pesca de buraco” (os buracos foram aterrados) - atividade que era desenvolvida por crianças, de forma recreativa, mas marcava uma forma de transmissão de conhecimento e valorização da cultura pesqueira artesanal. (HELLEBRANDT, 2019)

1.2. A atividade pesqueira artesanal em Beira de Lagoa

A comunidade de Beira de Lagoa dista 15km do centro de Quissamã, à beira da Lagoa Feia, a segunda maior lagoa de água doce do Brasil. Lagoa Feia é localizada parte no município de Campos dos Goytacazes e parte no município de Quissamã, com diversas comunidades pesqueiras em seu entorno, em ambos municípios. Na comunidade de Beira de Lagoa, em 2015, foram identificados 51 moradores envolvidos na atividade pesqueira (PESCARTE, 2016).

As mulheres que pescam nesta comunidade, interlocutoras no projeto “Mulheres na pesca”, relataram que as artes de pesca da região são Rede de espera e Anzol de boia, utilizando barcos a remo e com motor, para capturar Bagre; Traíra; Cumatan; Piaba; Corvina; Robalo; Traíra; Acará; e Tilápia. O conflito identificado no trabalho de campo do projeto foi denominado de “Cercamento da Lagoa”, o qual descrevo brevemente:

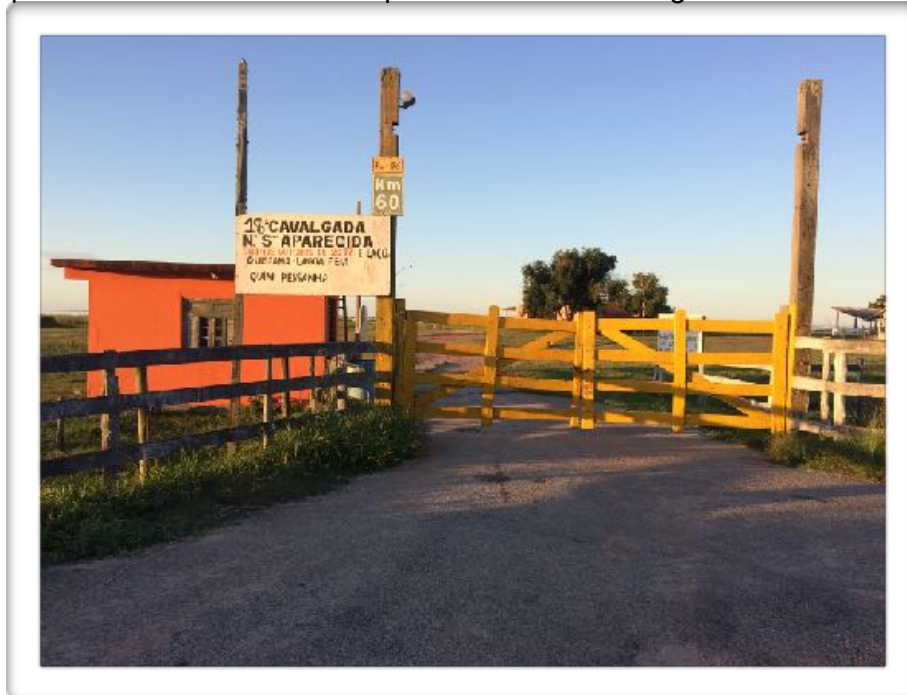
A comunidade pesqueira de Beira da Lagoa, assim como a de Barra do Furado, sofreu consequências das obras empreendidas pelo DNOS:

Com o início da atuação do DNOS na região, o ecossistema da Lagoa Feia sofreu as maiores alterações de sua história. Pântanos foram aterrados, lagoas drenadas e rios retificados. A abertura do Canal das Flechas “rebaixou o valor médio das cotas máximas dos níveis de água da lagoa em cerca de 80 cm e também o das cotas médias mínimas em torno de 90 cm”. A diminuição destes valores representou uma enorme perda da área lacustre, pois, com a redução de seu volume as águas recuaram, deixando secas grandes extensões de terra. A desobstrução de rios e canais, além de afetar a fauna e flora, teve outra importante consequência: o assoreamento da Lagoa, pois o material retirado dos rios acabava por ser depositado em seu interior. (VALPASSOS, 2003)

Estas obras favoreciam os fazendeiros do entrono da Lagoa Feia, que iam ampliando a extensão de suas propriedades ao construir diques para impedir o

alagamento de suas plantações e aterrando outras áreas alagadiças (VALPASSOS, 2003). Para além da diminuição do espelho d'água e o conseqüente impacto na atividade pesqueira, o controle sobre o território da Lagoa Feia por parte de fazendeiros atinge as pessoas da comunidade também através da forma de barreira física. As fazendas no entorno da Lagoa possuem cercas com fios de alta tensão, impedindo o acesso da população pesqueira à Lagoa (HELLEBRANDT, 2019a), conforme pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 - Propriedade rural cercando e impedindo o acesso à lagoa em Beira de Lagoa



Fonte: Acervo pessoal

Desta forma, a pesca artesanal em Beira de Lagoa pode ser caracterizada a partir da relação conflituosa entre pessoas que desenvolvem a atividade pesqueira e proprietários rurais, por diversas formas de controle do território, inclusive a de uma barreira física com risco (de choque ou “bala”) para quem a ultrapassa sem permissão.

2. As interlocutoras e as relações de gênero no universo da atividade pesqueira artesanal em Quissamã

Nesta parte, apresento as mulheres entrevistadas pelo projeto “Mulheres na pesca” em Quissamã, trazendo breves reflexões sobre a relação entre pesca e gênero³.

³ As reflexões expostas aqui serão breves pois já foram abordadas em outros momentos, tanto por mim, como por outras autoras. Ex.: Alencar (1993); Maneschy et al. (2012); Leitão (2013); Hellebrandt et al. (2016); Hellebrandt (2017).

Foram 10 mulheres entrevistadas em Quissamã: Uma delas desenvolve pesquisa voltada à atividade pesqueira no município, atuando num projeto de educação ambiental e como pesquisadora vinculada ao projeto “Mulheres na pesca”. Ela foi nossa informante-chave para acessar as comunidades e apresentar o contexto da pesca em Quissamã. A partir desta interlocutora, conhecemos e entrevistamos a presidente da Colônia de Pescadores Z-27 e 8 mulheres pescadoras e trabalhadoras da pesca de Quissamã.

As pescadoras e trabalhadoras da pesca, como a FAO vem denominando a partir do lançamento das “Diretrizes Voluntárias para Garantir a Pesca de Pequena Escala Sustentável no Contexto da Segurança Alimentar e Erradicação da Pobreza” (FAO, 2015) são Luciana, Tia Lu, Rosânia, Zélia, Marília, Roseni, Leia e Dona Geralda. Com exceção de Luciana, todas as outras 7 atuam na captura.

Luciana trabalha somente com o processamento de pescado do núcleo familiar, seguido da ida ao centro da cidade em carro próprio, para vender o pescado. Começou na atividade pesqueira em 1996, quando passou pela *“necessidade de visualizar no peixe uma renda, uma oportunidade de sair e vender”*, ao ser mãe pela segunda vez, então com 19 anos. Saía de Barra do Furado *“no ônibus de 7 horas da manhã e voltava no ônibus de 4 horas da tarde [pois] só tinha esses dois horários”*, para ir *“entregar a mercadoria”* a compradores residentes no centro de Quissamã.

Tia Lu (Figura 3) e Rosânia (Figura 4) são irmãs em uma família de 7, sendo 6 mulheres e um homem. A maioria de mulheres fez com que o pai as levasse para o acompanhar na atividade pesqueira, quando estavam por volta dos 10 anos de idade. A rotina de pesca na infância foi assim descrita por elas: *“não tinha hora para pescar era a hora da maré. Tipo assim, 2 horas da manhã era a hora de dar o lance. Às vezes, era de madrugada, as vezes era de tarde, as vezes era muito tarde da noite. Não tinha assim, um horário pra gente sair”*. Independente das condições climáticas, pois *“chovendo ou não a gente tinha que ir pescar, não tinha esse negócio de tá chovendo a gente não vai. Tinha que ir”*. Também relembram o esforço de trabalho realizado: *“como na época não existia motor, era mais sacrificado porque era muito peso, era muita rede e a gente tinha que fazer o sacrifício de puxar a canoa com o pai da gente quando a correnteza tava contra”*.

Zélia pesca com o filho: *“nós começamos juntos, eu e meu filho. Meu filho era até de menor. Ele estudava e depois na parte da tarde, nós ia pro brejo, pra lagoa”* e comenta a divisão de tarefas no barco: *“eu pegava no chumbo e meu filho na cortiça, entendeu? Que ele ficava mais na parte do remo, do motor”* de suas rotinas de pesca, assim descrita: *“nós soltava a rede, aí no outro dia ia colher. Tirava tudo de novo. Limpava as redes, de*

tarde colocava de novo. Porque se não limpasse a rede, como é que pegava o peixe? E era assim todo dia”.

Figura 3 - Tia Lu demonstrando parte de sua pescaria do dia



Fonte: Projeto “Mulheres na pesca”

Figura 4 - Rosânia com suas redes de pesca



Fonte: Projeto “Mulheres na pesca”

Marília, Roseni e Leia (Figura 5) pescam com os companheiros. Nas palavras de Marília: *“meu marido começou a pescar, eu sempre gostei de pescar de vara, com pai e mãe, desde criança. Aí ele me chamou: vamo, filha, vamo pescar de vara? Eu falei: bora! Chegou lá botamo rede. E eu já gostava da bagunça. Então entrei nessa. Já tem mais de oito anos.”* Já Roseni e Leia pescavam juntas antes de passar a pescar com os companheiros, como explica Roseni: *“eu e Leia, a gente pescava sozinha, a gente pescava os brejo... ela tinha um barquinho pequeno, a gente pescava. Quando esse pessoal aí começou a pescar a gente já pescava há muito tempo”*. Hoje, com o companheiro Cidinho, Roseni reforça a importância da atividade para o sustento da família: *“a gente vive do peixe, tipo eu e ele, o trabalho que a gente tem é só do peixe, se pegar cê vai ter dinheiro, se não pegar cê não tem o dinheiro, é o único meio que a gente tem”*. E Leia, que hoje pesca com o companheiro, também prepara o pescado capturado pelo casal para vender no restaurante que montaram em Beira de Lagoa. Assim descreve a rotina de pesca e restaurante, junto ao companheiro: *“Se for de ir sozinha eu vou mesmo mas só que ele gosta também de pescar. Vai nós dois, a gente pesca de segunda a quinta. A gente trabalha aqui também, as vezes chega alguém para almoçar na hora do almoço ai não tem como a gente ir”*.

Figura 5 - Leia em seu restaurante, com o cardápio oferecido descrito no quadro



Fonte: Projeto “Mulheres na pesca”

Dona Geralda saiu do Ceará com três filhos pequenos, atrás do marido que tinha ido tentar uma vida melhor no Rio de Janeiro. Descreveu assim as decepções que levaram à separação e a sua entrada na pesca: *“ele ia para os forro tudo quando recebia o dinheiro dele, quando era no outro dia, ria falando que tinha tomado duas caixas de cerveja com mais fulano, mais fulano. Quando saia eu, ele e as crianças, a criança pede uma garrafa de água ele disse que não tem dinheiro, para comprar a garrafa de água para a criança. Ai eu digo: um dia eu vou sair dessa vida um dia eu vou ser pescadora, vou dar as coisas para o meus filhos”*. Então começou a pescar, descrevendo assim sua rotina: *“eu pescava de domingo a domingo, era de domingo a domingo, não tinha esse negócio de hoje eu não vou na lagoa não. Era com chuva, trovoada, com relâmpago, de qualquer jeito eu tinha que está lá dentro, porque se o dia que eu não fosse acontecia de ter o peixe e estragar ou carregarem as minhas redes, entendeu?”*.

Estas breves linhas de apresentação das interlocutoras do projeto “Mulheres na pesca” em Quissamã destacam a relevância de marcar os lugares das mulheres na atividade pesqueira. Como discuti em Hellebrandt (2018), o universo pesqueiro é socialmente e legalmente percebido como um ambiente masculino⁴, no qual as mulheres são invisíveis. Neste contexto de ambiente masculino, ser mulher pescadora e trabalhadora da pesca exige uma constante negociação das relações. No trecho abaixo, Tia Lu descreve mais sobre sua rotina de pesca e sobre o que significa ser mulher num ambiente masculino e lidar, inclusive com violências simbólicas:

As vezes a gente chegava assim 4 horas da manhã em casa, 3 horas da manhã em casa e quando fosse pra lá tinha que ir pra lá 3 horas da tarde, 4 horas da tarde pra que ninguém tomasse o nosso lugar. Pra mulher isso não era nada fácil. Ficar num lugar que só tem homens de madrugada tem que ter muita coragem também! Não só disposição, mais muita coragem também e não temer a nada! Agente pescava no meio de homens, homens que vinham sei lá de onde! E eles achavam que, como por a gente ser mulher, de repente era mais fácil tomar alguma coisa da gente. Ficava jogando conversa fiada, ficava fazendo xixi na frente da gente, aquelas coisas todas.

3. Permanecendo na pesca em Quissamã

Além de negociações permeadas por relações de gênero para permanecerem na pesca, são constantes também as negociações nas relações conflituosas com outras atividades econômicas (descritas no item 2). Permanecer na pesca em Quissamã implica negociar com os fazendeiros para poder pescar, e ter fé de que Deus irá garantir a pesca e o retorno seguro à casa.

⁴ Confira nota de rodapé n.3 para referências que abordam esta questão.

3.1. Negociando com os homens - ultrapassando cercas para pescar

Para acessar a Lagoa Feia e poder pescar, as interlocutoras do projeto “Mulheres na pesca” precisam negociar com o fazendeiro “dono” da propriedade que margeia a Lagoa. Precisam pedir passagem para não correrem o risco de choque elétrico nos arames eletrificados. Reproduzo trechos de algumas entrevistas que descrevem as negociações:

Para entrar nessa lagoa ninguém tem entrado nela, para passar dentro do que é dos fazendeiros que eles tomaram conta de tudo que ai pra gente não poder passar eles botam cadeado nas cercas, cerca elétrica É maior sufoco para a gente poder entrar de madrugada na lagoa se quando panhava o peixe, tinha que levar aquelas coisas toda na cabeça, o maior sufoco pra a gente tirar um peixinho da lagoa Os fazendeiros não deixam entrada para ninguém, depois fica acusando todo mundo de ladrão, não querem dar a chave para ninguém. (Dona Geralda)

Chegou na cancela passou [...] o pessoal já está acostumado já conhece os pescadores, já deixa passar né ai alguém de fora tem pedir né, não conhece vai chegando vai entrar assim né, vai ter que pedir [...] eles só pedem para não deixar a cancela aberta porque tem animal né pode ir para a rua dá problema mas a maioria do pessoal passa ali. (Leia)

O dono, se ele quiser trancar, ele pode. [...] A gente entra, assim... Só que a gente avisa, né? Antes. Primeiro, a gente... primeiro, avisa. Que aí eles já ficam sabendo que a gente entrou. E sai. Cê não chega entrando a primeira vez. [...] Tem que chamar o rapaz pra poder pedir autorização pra entrar. Eles deixam entrar, mas tem que chamar, lá é fechado. (Roseni)

3.2. Entregando a Deus - os ventos e a insegurança alimentar

As observações a partir do trabalho de campo e das entrevistas realizadas me levam a refletir que a negociação não é somente com os homens. Colaço (2019) reflete sobre um “eixo divino”, orientador dos pontos de vista dos pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos, sobre “sua própria condição de ‘estar no mundo’”. (COLAÇO, 2019, p. 239). Ponta Grossa dos Fidalgos fica em Campos dos Goytacazes e é outra comunidade pesqueira no entorno da Lagoa Feia, portanto, com contexto pesqueiro guardando semelhanças ao de Beira de Lagoa. O autor reflete sobre o “eixo divino” para pensar este como um dos eixos que os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos utilizam para negociar com o perigo. No caso de Colaço, o perigo descrito é o perigo do embate com os órgãos de fiscalização, mas o “eixo divino” pode ser aplicado também à relação com os perigos advindos das “condições ambientais, impostas por Deus”, como o autor descreve a partir de sua pesquisa.

Peixoto e Belo (2016) analisam o grau de confiança de populações pesqueiras em diversas instituições. A área de análise dos autores corresponde aos mesmos municípios que o projeto “Mulheres na pesca” desenvolveu a pesquisa. Os resultados apresentados

pelos autores apontam que a confiança de pescadores na igreja é superior a outras instituições, inclusive aquelas diretamente relacionadas à pesca, como Colônias e Associações de pescadores, ou Capitania dos Portos.

Dados de confiança sobre a igreja não são necessariamente dados de confiança em Deus, mas apontam uma direção para a compreensão da presença de Deus nos discursos relacionados aos perigos e à permanência das interlocutoras do projeto “Mulheres na pesca” na atividade pesqueira de Quissamã. É Deus que está presente nos enfrentamentos de condições ambientais adversas, assim como é Deus quem garante a boa pesca, livrando do perigo da insegurança alimentar:

[relato sobre a morte de um pescador e pergunta sobre a causa da morte] Por causa do vento. Aquele tempo que da ventania que arrancou um cado de coisa ai e matou o rapaz lá de Ponta Grossa, disse que o remo caiu dentro da água, ele foi tenta, estava ele e a mulher dele pescando, ele foi tenta tirar não conseguiu, ele caiu dentro e a mulher dele deitou dentro do barco, acharam a mulher e depois acharam ele morto. [E a senhora nunca teve medo assim dessas coisas?] Tinha medo mas mas entrego a Deus. [A senhora sabe nadar?] Sei não. Deus toma conta da gente, eu tô falando que aquelas marola altona, você pensa que está aqui, quando você vê tá em cima da água, você já tá voada por cima do calão, menina é muito sofrimento. [...] a vida de pescador é muito sofrida. É só Deus mesmo, tem que botar Deus na frente e acompanhar Deus, pra poder ele livrar a gente.

[Q]Quando estava menstruada, sentia mas tinha de ir, ou quando chegasse o final de semana não ia ter dinheiro para comprar o arroz e o feijão as coisa pra comer em casa com os filhos, não tinha esse negócio de lengalenga não, tinha que chegar. E a ventania, você se gruda aqui na beirada do barco, senta aqui e Deus leva. E quando assim que não tinha motor tinha que ir no remo, só marcava o rumo e tinha vez que estava muito escuro e você não enxergava.

Teve um tempo ai, eu não sei se era preocupação, muita coisa na cabeça. Ai parece que a gente entra em depressão sei lá o que é. Ai você sente dor até no lugar que não existe. Agora, graças a Deus que eu não sinto mais dor de nada. Eu acho que é preocupação, a gente deve, preocupação com comida para as crianças, e não sei o que, mas agora, graças a Deus que passou tudo. (Dona Geralda)

Os trechos relatados por Dona Geralda sintetizam a relação com a fé em Deus para lidar com as incertezas da atividade pesqueira, seja pelos ventos fortes e a fé no retorno seguro à sua casa, seja com a fé em uma boa pescaria, para garantir que o retorno seguro seja também com pescado para venda e alimentação dos filhos.

Considerações finais

As informações apresentadas neste texto se originam nas reflexões do trabalho de uma pesquisa realizada com mulheres da atividade pesqueira artesanal. A análise de gênero, aplicada aos estudos sobre pesca, intenciona expressar como esta, dentre tantas

outras relações de poder, se dá. Através das narrativas das mulheres de Quissamã que fizeram parte desta pesquisa, engrossamos o coro que afirma com evidências que mulher pesca sim, além de desenvolver outras atividades produtivas no universo pesqueiro, como diversos outros estudos sobre gênero e pesca vem demonstrando.

Nas narrativas também foi possível perceber como os impactos sofridos pela pesca artesanal nas relações conflituosas com outras atividades econômicas afetam estas mulheres, bem como, algumas formas de lidar com eles e permanecer na atividade pesqueira. Negociam com homens pescadores pelo direito de estar no mesmo espaço, tendo que arcar com violências simbólicas constantes, como o caso relatado por Tia Lu dos pescadores que urinavam próximo a ela, na intenção de intimidá-la. Negociam com os fazendeiros que se apropriam de um bem da União colocando cercas e impedindo estas mulheres nos seus direitos de ir e vir com vida, para realizarem suas atividades de pesca. Negociam com Deus para assegurar suas vidas enquanto pescam, bem como para uma garantia de segurança alimentar para sua família.

Assim permanecem na atividade pesqueira de Quissamã, num constante jogo de negociar, seja com homens, seja com Deus. Permanecem, mulheres pescadores e trabalhadoras da pesca de Quissamã.

Referências

ALENCAR, Edna F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; LEITÃO, Wilma; FIÚZA DE MELO, Alex (Org.). **Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia**. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81

CARNEIRO, Paulo Roberto Ferreira. Água e conflito na Baixada dos Goytacazes. **REGA - Revista de Gestão de Água da América Latina**. Volume 1 - Nº. 2 - Jul/Dez - 2004.

COLAÇO, José. Costume e Resistência: elementos para uma política do enfrentamento entre pescadores artesanais da região norte-fluminense. In: José Colaço. (Org.). **Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflitos e resistência de um modo de vida**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, v. , p. 237-255.

CRIBB, André Yves; CRIBB, Sandra Lucia S. P. Gestão cooperativista e verticalização agroindustrial: estratégias para a agricultura familiar. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**. Dezembro de 2008. pp. 110 - 119.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Voluntary Guidelines for Securing Sustainable Small-Scale Fisheries in the Context of Food Security and Poverty Eradication**. Rome. 2015. Disponível em <<http://www.fao.org/3/i4356en/I4356EN.pdf>>

FUNBIO - Fundo Brasileiro para a Biodiversidade. **Website** <<www.funbio.org.br>> 2017.

HELLEBRANDT, Luceni; RIAL, Carmen; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Pesca e Gênero: reconhecimento legal e organização das mulheres na “Colônia Z3” (Pelotas / RS - Brasil). **Vivência**: revista de antropologia. UFRN/DAN/PPGAS v. I., N 47 (jan/jun. de 2016),- Natal: UFRN. 2016. p. 123 - 136.

HELLEBRANDT, Luceni. Mulheres da Z3 - o camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca. **Tese** (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2017. 173 p.

HELLEBRANDT, L.. Apontamentos iniciais do projeto “Mulheres na pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas”. In: 18th Iuaes World Congress, 2018, Florianópolis. **Conference Proceedings 18th Iuaes World Congress / Anais 18º Congresso Mundial de Antropologia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. p. 3749-3759.

HELLEBRANDT, Luceni. Ficha do conflito Mudanças no território pesqueiro de Barra do Furado. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas**. 2019.

HELLEBRANDT, Luceni. Ficha do conflito Cercamento da Lagoa. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia (coordenadora). **Projeto Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais dos municípios do Norte Fluminense e das Baixadas Litorâneas**. 2019a.

HERCULANO, Selene. PESCA E PETRÓLEO NO LITORAL FLUMINENSE. **Revista Nordestina de Ecoturismo**, n5 v. 1, p. 01-14, 2012.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero, Pesca e Cidadania. **Amazônica**. Rev. Antropologia. (Online) 5 (1): 98-115, 2013.

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ALVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300007>.

PESCARTE - **Banco de Dados**. PEA-PESCARTE Projeto de Mitigação Ambiental PETROBRAS/IBAMA/UENF. 2016.

PEIXOTO, Vitor de Moraes; BELO, Diego Carvalhar. Capital social em populações tradicionais: confiança e participação nas comunidades de pescadores artesanais da Baía de Campos dos Goytacazes. **Agenda Social**. Volume 9 Número 1. 2016. pp. 190 - 214.

RODRIGUES, Rejane Cristina de Araujo; LEMOS, Linovaldo Miranda. Logística e território no Brasil - os complexos portuários do norte fluminense. **Revista Geográfica de América Central** - Número especial EGAL, 2011 - Costa Rica - II Semestre 2011. pp. 1 - 16.

SOFFIATI, Arthur. DNOS: uma instituição mítica da República Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 61, nov. 2005. ISSN

2317-1529. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/145/129>>. Acesso em: 11 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2005v7n2p61>.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. Redução do Espelho d'Água da Lagoa Feia – RJ e Mudanças nas Práticas de Pesca. **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. 01 a 05 de setembro de 2003, UNICAMP, Campinas/SP.